



Colunas do Portal Festival do Brasil O que vem do sul - O que vem do norte

Paulo de Campos - Marcos Quinan

Nesta sessão, colunistas convidados escrevem sobre a movimentação cultural de suas regiões:

O maestro gaúcho **Paulo de Campos** radicado em Osório-RS e diretor do site <http://www.cantadoresdolitoral.com.br> escreve sobre "O que vem do sul".

Em contrapartida, o compositor, escritor e produtor **Marcos Quinan** residente em Belém, escreve sobre "O que vem do norte".

Tudo sobre a obra de Quinan você encontra em <http://www.festivaisdobrasil.com.br/marcosquinan>

O que vem do sul

nº2



O Reflexo da Moenda

O Slogan foi criado por Carmem Monteiro, presidente do festival para definir a fórmula desta edição comemorativa.

Não haverá inscrições para músicas novas. A seleção será feita entre as duzentas e vinte e oito participantes classificadas e registradas nos discos das dezenove edições anteriores.

Não fica claro, no comunicado, como e por quem será feita essa seleção, já que todos os participantes (músicos, compositores e intérpretes que têm envolvimento, ligação e conhecimento do sistema e dos objetivos do festival) não poderão ser jurados. Além disso, corre-se o risco de desprestigiar algumas músicas vencedoras que certamente não farão parte dessa seleção.

Eis o comunicado:

"20 anos de Moenda

A Moenda Associação de Cultura e Arte Nativa, através sua diretoria, vem comunicar aos compositores músicos que fazem parte da história de nossa maior evento, a realização da edição comemorativa aos 20 anos de Festival da Moenda da Canção, que ocorrerá nos dias 11 a 13 de agosto. A Moenda deste ano será especial para celebrar as duas décadas de existência desse que se tornou um dos maiores festivais de música do estado ao escolher manifestações artísticas de diferentes influências e estilos, abrindo participação de todo o Brasil e tornando-se um palco livre para a expressão da originalidade rítmica nacional. Concorrerão as 228 músicas que fazem parte das 19 Moendas, serão selecionadas 20 que farão parte de um CD duplo comemorativo aos 20 anos de Moenda."

Aguarda-se, portanto, que se esclareça como será viabilizada a realização desta edição sem que se cometa injustiças. Com certeza, a Comissão Organizadora já previu todas as ações para que a Moenda continue sendo um dos festivais de maior sucesso do país.

Encaro - sem ter aqui, a intenção de ser didático - o Folclore como ciência. Folclore é o estudo das manifestações populares. Folk = povo; lore = conhecimento, cultura. Esse termo foi criado pelo arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885), pesquisador da cultura popular européia. Em 22 de agosto de 1846, ele publicou um artigo com o título "Folk-lore", na revista The Athenaeum, propondo a criação do termo.

Não confundir, portanto, com tradicionalismo. O folclore não é estático, pelo contrário, é dinâmico e está em constante renovação. Um fato, para ser considerado folclórico, deve ter algumas, senão todas, destas características: funcionalidade; espontaneidade; intemporalidade; oralidade e anonimato.

No texto de apresentação do site <http://www.folcorebrasileiro.com.br/> está registrado que: "... O Brasil possui um dos folclores mais ricos de todo o mundo. São danças, festas comidas, obras de arte, superstições, comemorações e representações que, pelos quatro cantos do país, exaltam a nossa cultura. Se o Sul e o Sudeste brasileiros são regiões em que as manifestações folclóricas têm ocorrido com menor intensidade, por causa da crescente industrialização das cidades, no Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste do país as tradições se manifestam cada vez mais vivas. Há muito tempo elas fazem parte da vida de muitas pessoas ..."

E é aqui que eu pretendo chegar: O Rio grande do Sul tem um folclore rico, mas que praticamente não é conhecido. Por estar sendo confundido com tradicionalismo, e com o "culto às tradições" imposto, de cima para baixo, por um sistema patriarcal e retrógrado.

Isso era afirmado, já em 1985, quando fiz o curso Pós-graduação em Folclore, e entre meus mestres estava o folclorista Paixão Cortes, o Mestre em Antropologia Antonio Augusto Fagundes, o Especialista em Arte-Educação e Folclore/Educação José Roberto Diniz de Moraes, Ney Paranhos, Norton Correa, Helio Moro Mariante, os historiadores Paulo Vicentini e Harry Bellomo, e o inesquecível folclorista Glauco Saraiva (este foi meu professor de Teoria Geral de Folclore, na faculdade dois ou três anos antes). Na disciplina Festas e Folguedos ministrada pelo Paixão, eu descobria, impressionado, que entre as poucas manifestações folclóricas vigentes, as mais fortes estavam no Litoral Norte do Estado. Falava ele, nas Cavalhadas, nos Ternos de Reis, nas Cantigas de Oi-la-rai, nos Maçambiques, nas Congadas, nas Folias do Divino. Mostrava ele, que essas sim, eram manifestações puras e espontâneas do povo. Ocorre, que também estas estão definhando. Por falta de incentivo e de apoio. A população em geral nem consegue ter informação ou conhecimento de quando e onde a maioria desses autos folclóricos acontecem.

Alegro-me ao ver que grupos de jovens como o da Invernada de Dança Adulta do Estância da Serra, estão sendo corajosos e inovadores ao agregar a suas apresentações, coreografias e músicas litorâneas de reinterpretação folclórica. Alegro-me ao ver nos festivais, compositores como Paulinho DiCasa, Marcelo Maresia, Kako Xavier, Beto Bollo, Jociel Lima, Cássio Ricardo, Ivan Therra, Mário Tressoldi, Paulinho Oliveira, Marco Araujo, Renato Júnior, Mário DuLeodato, Chico Saga, entre tantos outros, seguidores dos passos dados, primeiramente, por Ivo Ladislau e Carlos Catuípe, na pesquisa do verdadeiro folclore litorâneo de influência afro-açoriana, resgatando e reinterpretando ritmos, melodias, harmonias, instrumentos, historias, lendas, contos, crendices, indumentárias. Alegro-me ao ver a preocupação, destas e de outras pessoas, em registrar também os fatos atuais do momento que vive o litoral. Pois como disse, o folclore não é estanque, muito menos, coisa do passado.

Repare, que uso as palavras "reinterpretação", "resgate" e "pesquisa" quando me refiro ao que essas pessoas citadas acima estão fazendo. Portanto, não são eles os personagens nem os mentores das manifestações folclóricas. E sim, os negros maçambiqueiros, os cantadores de ternos, os agricultores e os pescadores que ainda cantam as suas cantigas de trabalho, enfim, as pessoas

humildes e espontâneas que trazem em si, toda essa carga cultural.

Alegro-me sim, por aqueles, estarem valorizando, pesquisando, resgatando, reinterpretando e trazendo ao conhecimento de toda uma população, a existência de tais manifestações ainda tão puras. Alegro-me, ao perceber o interesse e a satisfação dos meus alunos de Educação Artística do Ensino Médio Estadual quando são informados sobre a riqueza e a pureza cultural existente neste nosso litoral.

Portanto, a cultura popular do Norte, Nordeste e Centro-Oeste é conhecida por ter apoio, respeito e divulgação. (Mesmo que a mídia seja, na maioria das vezes apenas veiculada pelos canais de TV por assinatura ou por redes educativas.). E, porquê não a nossa também? ... É possível! Acho que estão sendo dados os primeiros passos para que isso se torne realidade! ...

Texto publicado em janeiro de 2002. Hoje, o movimento cultural de influência afro-açoriana do Litoral norte do Rio Grande do Sul, já alcança pequenas repercussões a nível nacional e também nas Ilhas Açorianas e nas comunidades de língua portuguesa do Canadá. E, claro, no próprio RS.

maio/2006

www.festivaisdobrasil.com.br - COLUNISTAS - © 2005 - 2010

**Todos os Direitos Reservados - FESTIVAIS DO BRASIL e Rima Edições Líteromusicais
www.cantadoresdolitoral.com.br - O QUE VEM DO SUL - PAULO DE CAMPOS ©2001-2010
Esta página também está disponível em *pdf - [clique aqui para abrir](#)**